

MÁRIO HABERFELD DE EX-PILOTO A AMIGO DA ONÇA

TEXTO MATHEUS PICHONELLI

Depois de viajar o mundo e conhecer os grandes predadores, o empresário criou um projeto que leva turistas a conhecer de perto e proteger o maior felino das Américas



THABATA CORDEIRO

O ex-piloto de automobilismo Mário Habberfeld tinha 12 anos quando viajou com os pais para a África pela primeira vez. Guardou na memória a travessia de caminhão pelo Serengeti, famoso parque da Tanzânia, onde cada dia dormia em um lugar.

Era tudo muito mais rústico do que hoje em dia, ele garante. “O guia te dava uma barraca, você montava e se virava. Comia o que faziam na hora e tomava banho quando achava cachoeira. Gostei tanto que voltei para a África todos os anos da minha vida, com exceção dos dois anos da pandemia.”

Em 2008, quando se aposentou, ele tinha 32 anos, um título da Fórmula 3 Britânica no currículo, a experiência adquirida como piloto de testes da McLaren, lendária escuderia da Fórmula 1, e uma ideia na cabeça: viajar pelo mundo e conhecer, agora com tempo de sobra, todos os grandes animais da natureza. Já tinha visitado o urso panda na China, o polar no Canadá, o gorila em Uganda e o tigre na Índia. “Qualquer bicho que você pensar eu dei um jeito de ver.”

Nesses encontros, não era mais o menino curioso que sempre adorou animais. Era o empresário que buscava entender como as ideias de conservação e ecoturismo funcionavam sob o ponto de vista dos negócios.

Ele também notou que qualquer hotelzinho da África tinha até piscina no quarto e que, ali, todo mundo viaja focado em ver “the big 5”, os grandes mamíferos do continente: leopardo, elefante, rinoceronte, leão e búfalo.



“Quando a gente começou, o senso comum era de que a onça estava lá só dando prejuízo. Hoje, muitas famílias têm emprego graças a ela. E quanto mais pessoas vão visitar essas áreas, mais investimento é feito.”

Fazenda Caiman, no Pantanal, e a riqueza da diversidade do bioma

Quando voltou para casa, Haberfeld estava decidido a montar o próprio safari no Brasil. Só não sabia ainda como. “Não tinha ideia. Não sou biólogo, não sou cientista, não sou veterinário. Mas via como o urso polar sustentava uma cidade inteira no Canadá por meio de um parque que só funcionava duas semanas por ano. E sabia que o Brasil, além de ter a maior biodiversidade do mundo, tem boa temperatura o ano inteiro.”

Foi com este pensamento que ele e Simon Bellingham, um amigo e ex-guia turístico da África do Sul, foram visitar onças do Pantanal, um bioma parecido com o Delta do Okavango, famoso destino turístico de Botswana. Ambos sabiam que, em termos turísticos, a onça poderia se tornar em breve o “leão brasileiro”.

Mas havia um detalhe. “Todo mundo sabia que tinha onça na região, mas poucos tinham visto. Me diziam ‘onça não tem nem em circo’. Ou ‘ela vai te comer vivo!’” Apesar do ceticismo, Simon conseguiu rastrear os bichos por meio de pegadas, como fazia com os leões na África. O objetivo inicial era só ver uma onça, mas virou algo bem maior.

De sonho ao projeto Onçafari

É daí que surgiu o projeto Onçafari, empreendimento iniciado por ele em 2011, a partir do Refúgio Ecológico Caiman, uma área de 53 mil hectares do município de Miranda (MS), que só em 2023 realizou 1.477 passeios com hóspedes.

A área já atuava com ecoturismo quando foi firmada a parceria com a equipe de Haberfeld. Até então, o dono da fazenda, o empresário e ambientalista Roberto Klabin, só tinha visto onça por ali em uma única ocasião em quase 30 anos. O motivo era o medo mútuo entre bichos e seres humanos, que viam na onça um perigo para a vida e os negócios. Isso mudou quando elas se tornaram visíveis.

Mário conduziu, assim, um trabalho conhecido como habituação – que é, basicamente, encontrar uma espécie sem contato com o ser humano e ensiná-la, pelo convívio, a não ter medo da presença humana. Começou com o monitoramento de uma onça batizada como Esperança, cujos filhotes (e netos e bisnetos) passaram a ser acompanhados pela equipe do Onçafari a partir de 2011. Na habituação, equipes seguem o animal de carro por tanto tempo que um dia ele se acostuma. “É como se ele falasse: ‘esse cara não me faz nada, pra que eu preciso fugir?’ E isso passa para as gerações seguintes.”

A estratégia funcionou. Antes do projeto, apenas 2% dos hóspedes da Caiman conseguiam ver onças – em uma média de quatro ou cinco avistamentos por ano. Em 2022 e 2023, todos os hóspedes conseguiram avistar o felino em alguma das mais de 1.200 aparições em “público”.

Equilíbrio ambiental

Na natureza é assim: para o predador estar protegido, toda a cadeia alimentar deve estar equilibrada. Isso significa que cuidar de uma onça é cuidar



A onça Surya é um dos animais monitorados que se acostumou com a presença humana

LUCAS MORGADO

de todo um ecossistema: rios, mata, evitar queimadas e proteger os animais menores.

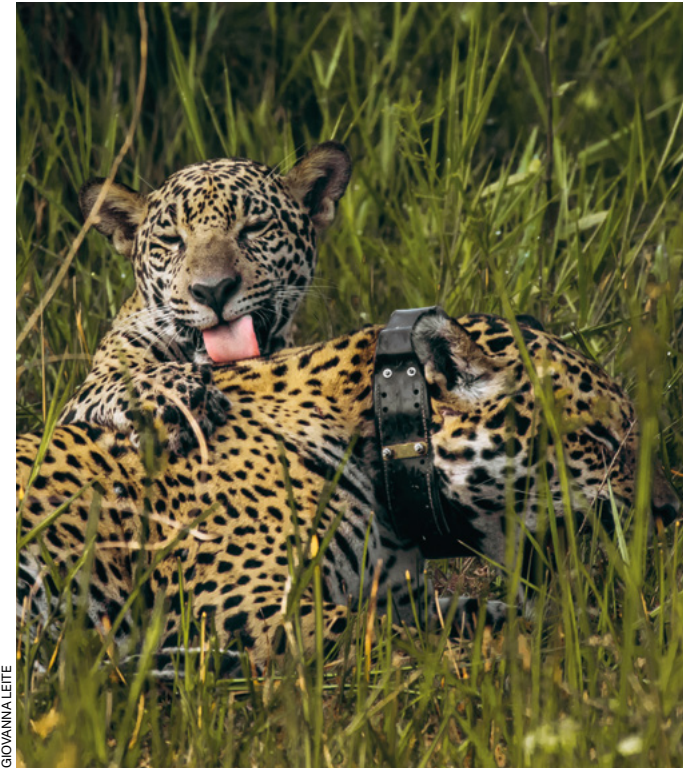
O Onçafari tem hoje 16 bases em quatro dos grandes biomas brasileiros: Amazônia, Mata Atlântica e Cerrado, além do Pantanal. Nesses locais, funcionam diversas frentes de atuação, como ecoturismo (com trabalho de habituação também com anta, lobo-guará e jaguatirica), pesquisa científica; ação social; educação; produção de livros e documentários; apoio à áreas indígenas; reintrodução de animais na natureza; frente contra incêndios; e expansão de florestas. Esta última frente surgiu da necessidade de criar grandes corredores ecológicos para que os bichos mais ameaçados sobrevivessem. As quatro sedes próprias estão quase totalmente preservadas, à exceção de estradas e sedes de fazenda construídas no local. O resto é mata nativa.

As dificuldades continuam, entretanto. Uma das reservas foi colocada à venda por uma antiga pro-

prietária e quase foi arrendada para criação de gado, mas a equipe conseguiu unir esforços na comunidade, comprar essa fazenda e transformá-la numa reserva. “Com o fundo de perpetuidade para manutenção dessa área, vamos ter agora recursos extras, com créditos de carbono, para um corredor ecológico que já soma mais de 430 mil hectares em menos de quatro anos. Pela primeira vez no Pantanal as pessoas vão conseguir ganhar recursos por manter a floresta em pé.” Para fazer parte deste grupo, os proprietários precisam manter brigadas de incêndio, estimular pesquisas e criações de reserva e, claro, proibir a caça.

De olho no futuro

Haberfeld conta que nas escolas onde o projeto atua, é comum ouvir relatos de crianças que sonham um dia em trabalhar como biólogas ou veterinárias. Antes, a resposta mais comum era “peão de gado”. Como em um trabalho de habituação às avessas, mas em humanos, essa consciência acaba chegando até os pais.



GIOVANNA LEITE



DIOGO LUCATELLI



MARIO NELSON

Onças, antas e outros animais podem ser vistos nos safaris

No Onçafari, existem muitas formas de investir na preservação. Desde doações de grandes filantropos para compra de terrenos até programas como o “Adote uma Onça”, em que turistas se conectam com um felino, contribuem mensalmente e passam a receber notícias do “afilhado” com fotos e vídeos. Há também o projeto “Amigo da Onça”, que permite pequenas doações em troca de brindes e cartas regulares sobre tudo o que acontece no Onçafari.

Mário Haberkfeld vê o resultado do projeto como uma semente plantada para o futuro. Seus dois filhos, uma jovem de 15 e um rapaz de 18 anos, estão envolvidos no Onçafari desde cedo – ela, inclusive, já participou até de captura das onças. “Essa nova geração parece que vem com outro chip. Já vem com essa preocupação ambiental. E os adultos aprendem com os exemplos deles.”

Foi a partir de uma visita de um de seus filhos, que esteve no Pantanal com amigos, que surgiu um projeto tecnológico que pode aju-

dar na preservação. As 500 câmeras espalhadas pelo Brasil, que filmam a rotina dos biomas 24h e geram 300 mil minutos de gravação por mês, seriam monitoradas por um programa de Inteligência Artificial que identifica os animais. Um executivo da Google no Brasil visitou uma das bases e se interessou. “Hoje, temos uma ferramenta de IA com cartões de memória que define quantos e quais animais se movimentaram ali. Quando o modelo estiver mais desenvolvido, pode ajudar projetos de conservação do mundo inteiro”, diz Haberkfeld animado. ▣

“Os jovens se preocupam com preservação. A partir da ideia de dois adolescentes que visitaram uma de nossas bases, conseguimos envolver o Google em projeto de suporte de IA no monitoramento dos animais.”